

A IDENTIDADE HUMANA NA OBRA *LIBERTAÇÃO*

Juliélise Oliveira Lima¹

Grupo de Trabalho 8: Globalização, relações políticas e trabalhadores:
conjecturas e processo histórico.

Resumo: A identidade humana apresentar-se-á como fator de estudo na obra *Libertação* de Sándor Márai, além da análise da resistência do ser humano para que o mesmo não seja subsumido pela ameaça de homogeneização das condutas humanas no movimento existente, através do terror, propaganda e da atomização dos indivíduos. Para o alcance do objetivo, utilizou-se como fonte a pesquisa bibliográfica, a partir da qual concluímos com a importância da participação e organização das massas no movimento totalitário que se impõe, a fim de que as massas não sejam atingidas pelo racismo e pela devastação da vida humana, considerando evidentemente, em *Libertação*, as dolorosas divisões que se impõem.

Palavras-Chaves: Identidade. Cidadania. Terror. Resistência. Organização.

Este artigo tem como objeto de estudo a importância da identidade humana e da cidadania para a não redução do homem a um feixe de reações determinados por um líder na obra *Libertação*, de Sándor Márai.

Nesta obra, aponta-se a vida consumada e devastada de Ersébet, que foi obrigada a viver em estreita clandestinidade e ainda conviver diariamente com a precária segurança do pai, o qual teve que se proteger da perseguição da polícia e de quem a mesma busca cuidar obsessivamente, após a eclosão da perseguição aos judeus. Juntamente com numerosos desconhecidos, luta dia-a-dia para garantir as mínimas condições de sobrevivência no entre guerra, especialmente, quando a polícia do movimento intensifica perseguição a todos os que reprovavam ativa ou silenciosamente ao fascismo e ao antissemitismo, obrigando a estes viverem na clandestinidade e na angústia pela libertação, após o fim eminente da guerra.

¹ Graduada em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia. Pós graduanda pelo Programa de Pós Graduação em Filosofia – Mestrado. E-mail: jullylima2003@yahoo.com.br.

Diante disso, o tema deste trabalho foi estabelecido com o objetivo de compreender, o caráter doravante da vida no movimento totalitário, através do condicionamento do ser humano e da lei de homogeneização das condutas humanas, com base na ameaça de “morte” em nome da própria vida, as pluralidades de cultura e as diferentes comunidades do mundo.

Propusemo-nos a compreendê-la, defendendo a seguinte hipótese: a participação e organização das massas no movimento totalitário, é importante para um futuro que se anuncia incerto, a fim de que os indivíduos não percam sua identidade e cidadania. Ademais, é imprescindível para a realização de articulações específicas de classes e ajustes de fatores multifacetados que influenciam na não cristalização dos elementos radicais do movimento para o domínio dos indivíduos.

Para o alcance do objetivo, analisa-se o método de análise de Hannah Arendt, que exige a compreensão do conceito de ruptura (descontinuidade na continuidade), o que implica que nenhuma continuidade pode ser recuperada, e, que “o que prevalece na história é a descontinuidade” (RODRIGO, 1992, p.95), o absolutamente novo que irrompe.

Em conjunção com isso, reconhece-se na obra *Libertação*, de Sándor Márai, não apenas esta compreensão da ruptura com o acontecimento co-extensivo da perseguição ao antissemitismo, mas ainda uma perda e destruição da identidade humana e uma negação do mundo comum e de uma rede de relações dos seres humanos, através de um processo de declinação do mundo humano e atomização dos indivíduos.

Fiéis à atenção do absolutamente novo e do processo de destruição do mundo humano, aponta-se que esta perseguição torna a massa cada vez mais individualista e com menos identidade (perda do espaço público). Certo de que, o individualismo é a perda da identidade. E, o fato de sermos subsumidos a uma dominação faz com que percamos a identidade e nos tornemos solitários. Todavia,

o que torna a solidão tão insuportável é a perda do próprio eu, que pode realizar-se quando está a sós, mas cuja identidade só é confirmada pela companhia confiante e fidedigna dos meus iguais. Nessa situação, o homem perde a confiança em si mesmo como

parceiro dos próprios pensamentos, e perde aquela confiança elementar no mundo que é necessária para que se possam ter quaisquer experiências. O eu e o mundo, a capacidade de pensar e de sentir, perdem-se ao mesmo tempo (ARENDR, 2009, p. 529).

E fazem com que a psique humana se torne parte de uma verdade imposta e que se revela por um princípio fundamentalista, mas que, segundo Hannah Arendt, seja capaz de privar os humanos de pensar, querer e julgar, invertendo o desejo de liberdade em desejo de servir.

A psique humana pode ser destruída mesmo sem a destruição física do homem; que, na verdade, a psique, o caráter e a individualidade parecem, em certas circunstâncias, manifestar-se apenas pela rapidez ou lentidão com que se desintegram. Como resultado final surgem homens inanimados, que já não podem ser compreendidos psicologicamente, cujo retorno ao mundo psicologicamente humano (ou inteligivelmente humano) se assemelha à ressurreição de Lázaro (ARENDR, 2009, p. 491).

Remeter-se-á à obra *Libertação*, e considerar-se-á o paradigma do terror na existência humana e na condição de vida humana, que subordina os indivíduos à dependência das atividades e o desejo do líder no movimento totalitário. Sendo que tal subordinação desencadeia o terror, o qual não é força independente, tal qual a propaganda. Os mesmos atuam juntos, especialmente para que se crie um estado geral de instabilidade, permanentemente, em qualquer nível de dominação, a fim de que o movimento se mantenha.

Além do terror, o qual é criado pelo esvaziamento da capacidade de sentir o que é humano, verifica-se como desconcertante no movimento totalitário, o fato de que o mal e o crime exercem grande influência sobre a mentalidade humana, especificamente quando estes não vacilam quando

o monstro começa a devorar os próprios filhos, nem mesmo quando ele próprio se torna vítima da opressão, quando é incriminado e condenado, quando é expulso do partido enviado para um campo de concentração ou de trabalhos forçados. Pelo contrário: para o assombro do mundo civilizado, estará disposto a colaborar com a própria condenação e tramar a própria sentença de morte, contato que seu *status* como membro do movimento permaneça intacto (ARENDR, 2009, p. 357).

Diante disso, observa-se que há uma destruição de todas as conexões sociais e de uma culpa por associação, a qual pode ameaçar com o mesmo destino o acusado e todas as suas relações.

Tal análise pode ser realizada na obra *Libertação*, especialmente, quando Erzébet destaca que:

a casa, o escritório íntimo do pai, onde desde que ficara viúvo ele vivia calado e recolhido, nos dez meses lentamente se degradou. Primeiro os carrascos alemães revistaram os quartos, depois mãos desconhecidas e sorrateiras roubaram as roupas e os objetos; em outubro, após a rebelião dos fascistas húngaros, ladrões com braçadeiras exploraram os quartos frios e revirados em busca do butim que restava; e em novembro uma bomba acabou com o casarão e o apartamento. [...] Mas a casa estava em ruínas e entre elas desapareceram todas as noções valiosas do pai, as fotografias, os cálculos, os livros de astronomia em inglês, francês e alemão, cartas, as discussões com os colegas estrangeiros.... tudo o que o pai ainda pudesse ter importância na vida (MÁRAI, 2009, p. 12).

Para que o terror ocorra é necessário a constante instabilidade. E, para que haja a manutenção do sistema é imprescindível a polícia de pensamento, a qual destrói a esfera da vida pública e também da vida privada, bem como, qualquer referência ao mundo real, gerando a possibilidade de manutenção do movimento.

Esta análise, sujeita os indivíduos a um processo de transformação de sua própria vida, os recintos dos refugiados eram “sem ar, sem um lugar onde alguém pudesse deitar-se, e uma mão, a mão do adventista, uma vez por dia estedia água pela abertura estreita, água e um pouco de alimento num balde, feijão ou batata, às vezes pão...” (MÁRAI, 2009, p. 33).

Com a ajuda da propaganda, se “vende” e se “ensina” ao ser humano que se torne massa, sem sentimentos; e, que a miséria humana, a perseguição, o risco de vida, a necessidade de se esconder, se torne “como condições naturais, responsabilidades inevitáveis. Assim é o homem: mata, rouba e se esconde” (MÁRAI, 2009, p. 34).

Sendo assim, a propaganda, concomitantemente com o terror são fundamentais no movimento totalitário, pois:

precede a instauração dos regimes totalitários e os acompanha, é invariavelmente tão franca quanto mentirosa, e os governantes totalitários em potencial geralmente iniciam suas carreiras vangloriando-se de crimes passados e planejando cuidadosamente os seus crimes futuros (ARENDE, 2009, p. 356).

Contribuem para que o movimento “cimente” uma ideologia, a qual é imposta considerando a própria realidade e sua ligação à destruição da cultura e do ser humano, sua cidadania e identidade.

Não obstante, esta ideologia, propaganda e terror veiculava para os homens que possuem menor capacidade de julgamento, discursos de caráter tranquilizadores.

Porém o conjunto da “população civil” sabia que tudo era apenas patranha adocicada, uma das formas da mentira militar; para a população civil era indiferente se os pilotos inimigos atiravam as bombas de uma tonelada “sem planejamento” ou em alvos definidos, pois elas, na maioria das vezes – quando não atingiam “alvos militares”, o que era freqüente -, atingiam casas, quintais, pontes, esconderijos. A despeito de tudo isso havia ordem (MÁRAI, 2009, p. 43).

E, o fundamento deste terror é a solidão e o desarraigamento e superfluidade.

Ser supérfluo significa não pertencer ao mundo de forma alguma. O desarraigamento pode ser condição preliminar da superfluidade, tal como o isolamento pode (mas não deve) ser a condição preliminar da solidão (ARENDE, 2009, p. 528).

Em razão desta submissão do ser humano à propaganda e ao terror, desencadeando em superfluidade e, conseqüentemente à solidão, verifica-se, segundo Hannah Arendt, a possibilidade de um empobrecimento da linguagem, que se traduz pela perda da identidade e cidadania, o que ocorre subjungando a população por meio do drama, propaganda, guerra psicológica e do terror. Além da banalidade do mal e a exclusão de tudo o que é humano dos seres.

Existem crimes que os homens não podem punir e nem perdoar. Ao tornar-se possível, o impossível passou a ser o mal absoluto, impunível e imperdoável, que já não podia ser compreendido nem

explicado pelos motivos malignos do egoísmo, da ganância, da cobiça, do ressentimento, do desejo, do poder e da covardia; e que, portanto, a ira não podia vingar, o amor não podia suportar, a amizade não podia perdoar. Do mesmo modo que as vítimas nas fábricas da morte ou nos poços do esquecimento já não são ‘humanas’ aos olhos de seus carrascos, também esta novíssima espécie de criminosos se situa além dos limites da própria solidariedade do pecado humano (ARENDETT, 1978 apud RODRIGO, 1992, p. 93).

Este processo de voracidade do vivente assegura que, no movimento totalitário não há vítimas ou algozes, todos são vítimas do sistema. Com isso, “não se podia apreender com a razão que pessoas continuassem roubando, exterminando vidas, sem finalidade, no último instante, simplesmente porque era possível...” (MÁRAI, 2009, p. 69). Mas, qualquer ação que se tome, os agentes fazem e agem racionalmente.

Considerando deste modo, seria um erro grave acharmos que os líderes do movimento totalitário “governam” sem as massas, os líderes precisam especialmente das massas. E a vida dos seres das massas só têm sentido neste movimento. Além disso, as massas são importantes por darem força ao movimento e sem elas o líder totalitário seria nulo.

Assim, o domínio radicalizado do movimento totalitário desvela que a ralé, os marginalizados que estão fora do mundo do trabalho e sem o controle da própria história e do que os torna humanos, não aderem ao movimento totalitário por idealismo e não se abalam quando os crimes são contra seus filhos e até quando ele mesmo for condenado e enviado para os campos de concentração. Todavia, isso ocorre enquanto o movimento existir. Mas, para que isso ocorra é necessário que os indivíduos estejam esvaziados, mas unidos pela culpa e a cumplicidade ao desejo do líder.

Olhares de quase ódio e desprezo profundo, e olhares com um brilho diferente, frio e agressivo eram emitidos aos que para o líder não tinham nenhum “valor especial”. “Na vibração das palavras, um desprezo profundo, quase ódio” (MÁRAI, 2009, p. 93).

Estas massas se identificam com o poder do líder. Todavia, o poder do líder se dá pelo desejo de manutenção da força do movimento e da ideologia que o mesmo dissemina e que faz com que o desejo da massa seja o mesmo

desejo do líder. E para que este poder se torne ainda mais forte e suas previsões factíveis, é necessário o domínio mundial, além de proteger este mundo fictício que se cria com mentiras.

Concomitantemente, para o domínio total é necessário que os indivíduos não se sintam parte de nenhum grupo e nem mesmo parte de sua família, pois, não está preocupado com o bem comum. “Uma situação em que já não os liga nenhuma lei, religião ou regra” (MÁRAI, 2009, p. 93).

E nem mesmo com os padrões morais e éticos, os quais se rompem com a própria crise. Assim, a violência, o poder e a crueldade passam a ser “as supremas aptidões do homem que havia perdido definitivamente seu lugar no universo” (ARENDR, 2009, p. 380). Pois, não existem valores universais, os valores são estabelecidos pelos líderes. Ademais, os atos éticos são os atos necessários e possíveis para que o movimento se mantenha. Além disso, a lei suprema do movimento advém sempre do desejo do líder.

Pois,

a redução do homem a um feixe de reações separa-o tão radicalmente de tudo o que há nele de personalidade e caráter quanto a uma doença mental. Mas quando, como Lázaro, ele se ergue dentre os mortos, reencontra inalterados a personalidade e o caráter, exatamente como havia deixado (ARENDR, 2009, p. 492).

E, uma vez formulada a questão, uma das formas de se contrapor ao movimento é a organização das massas. Pois, permanecer ser humano implica identidade, cidadania e ação política, que falta nas massas dos movimentos totalitários. Isto, porque as mesmas “não se unem pela consciência de um interesse comum e falta-lhes aquela específica articulação de classes que se expressa em objetivos determinados, limitados e atingíveis” (ARENDR, 2009, p. 361). É a consciência e integração que nos permite desenvolvermos integralmente e termos consciência. Pois é a dignidade humana que nos permite sermos seres humanos, e para mantermos esta dignidade é necessário fazer escolhas e saber a importância e superfluidade de cada vida humana.

Referências Bibliográficas:

ARENDR, H. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, 562p.

MÁRAI, S. **Libertação**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, 144p.

RODRIGO, L. M. O enigma da ruptura em Hannah Arendt. **História & Perspectivas**, Uberlândia, n. 6, p. 89-100, jan./jun. 1992.